

Memorial Vernacular

Jonas Wilson Pegoraro¹

Fazer um memorial sobre minha participação na Vernáculo, esse foi o desafio proposto pelo Hilton.

Bom, em 2002, ocorreu um processo natural, a saída de grande parte dos membros fundadores da Revista. Estavam dando seguimento a suas carreiras (e suas vidas), já no mestrado ou doutorado, ou em outras atividades. Foi o momento que pedi, não sei bem se para o Rafael ou para o próprio Hilton, para participar da Revista. Desde o momento de sua criação tinha orgulho da Revista, da realização dos meus amigos, da proposta feita por eles e que hoje ainda vive.

Naquela época, 12 anos atrás, tínhamos um patrocinador, o Eleotério, que por sua vez nos colocou em contato com a uma editora, que por sua vez tinha apoio político governamental e iria imprimir a revista (que tinha uma tiragem impressa) na Imprensa Oficial. Eis o nosso problema, o "telefone sem fio". Os autores já haviam enviado suas produções, nós já havíamos selecionado o material que seria publicado, já havíamos diagramado, mas para sair de fato no papel

¹ Doutorando em História UFPR, professor no TECPUC.

foram necessários 3 anos e duas impressões falhas, além de muitas, muitas reuniões.

Contarei a respeito da primeira tentativa de impressão.

Após batalhar e muito com os sistemas operacionais, diga-se o Windows e suas ferramentas para diagramação, salvamos em um CD a primeira versão original.

Levamos à editora, deixamos a versão imaginando que em pouco tempo sairia à revista. Passaram dois meses sem qualquer resposta, por mais que insistíssemos em ter notícias, até que informaram que haviam perdido o CD.

Salvamos outra versão, levamos lá.

Meses se passaram.

Insistimos.

Nada.

Fizemos uma nova reunião e falei que eu mesmo levaria na gráfica o CD.

Tudo acertado.

Fui à Imprensa Oficial.

Chegando lá, ninguém sabia da impressão de revista nenhuma. Ligações. "Tá bom meninos, vamos fazer!".

Naquele momento cometi um erro amador. Não tinha transformado o arquivo em pdf, logo ao abrirem na Imprensa tudo desconfigurou.

No dia que fui pegar o material levei o César e o Fernando Kowalski comigo, pois a tiragem era de 500 números (estávamos sendo patrocinados, então nos orientaram a fazer um volume grande).

Vários pacotes. Fomos para a Universidade.

Abrimos um desses pacotes e a decepção com o erro.

Chegamos a debater se iríamos ou não "vender" a revista, até que a razão do Rafael nos fez ver que o ideal seria descartar o material.

Enquanto debatíamos sobre o destino das revistas erradas, levei todas para casa de meus pais, guardei no depósito e lá ficaram por um ano.

Um dia, injuriado por ter 500 números da Revista Vernáculo em sua casa, e já sabendo que iriam ser descartadas, meu pai conversou com um senhor que reciclava papel (popularmente conhecido como "carroceiro"). E lá se foram as revistas patrocinadas.

Só conseguimos imprimir e distribuir a revista um ano depois do descarte, ou seja, três anos depois de darmos início aquele número. Acho que foi o momento mais atribulado da Vernáculo.

Porém, uma coisa é certa. Continuo com muito orgulho da revista.

Revista que ainda me acolhe, já que, não faz muito, publicou um artigo meu.

Aproveito para agradecer ao Hilton, Rafael, Fernando, César, Leonardo, pelas memórias, experiências e vivências que a Revista me proporcionou.

E quem sabe ainda me proporcione mais.

Jonas Wilson Pegoraro

Outubro/2014